

A VOYAGE INTO TARTARY: O PROJETO POLÍTICO DA IGREJA UNIVERSAL E A UNIÃO ENTRE ORTODOXOS E ANGLICANOS

A VOYAGE INTO TARTARY: THE POLITICAL PROJECT OF THE UNIVERSAL CHURCH AND THE UNION BETWEEN ORTHODOX AND ANGLICANS

Bruna Pereira Caixeta¹

RESUMO

Este artigo apresenta a primeira parte de *A Voyage into Tartary*. Esta foi uma obra publicada anônima em Londres, em 1689, que, a despeito de lida pelos franceses como expoente das produções libertinas, e, pelos americanos, como um dos primeiros exemplares de ficção científica e do Iluminismo, encontra melhor filiação na corrente histórica das utopias, junto às suas manifestações literárias inglesas do final do século 17. Tal qual muitas das produções desse gênero, o livro consiste em uma formulação de um projeto político burguês. No seu caso, apresenta o projeto político de ascendência burguesa, cogitado por um número de intelectuais de posição política moderada no final do século 17 para simultaneamente opor-se à regência despótica de James II, por fim definitivo no absolutismo e promover o desenvolvimento econômico e a modernização da Inglaterra. Uma das propostas fundamentais desse projeto é apresentada na seção primeira do livro; consistiu na proposição de uma igreja universal, de princípios filosóficos universais, capaz de comportar todas as designações religiosas moderadas, unindo os protestantes contra James II e, simultaneamente, entregando-lhes o poder político. Teve início com a proposição de um acordo com as igrejas ortodoxas do oriente, especialmente, com a igreja grega, então, para os ingleses, fonte simultânea de conhecimento antigo, tradição religiosa e aliada econômica, atributos frugais para a conquista do plano. Aqui fazemos uma apresentação desse projeto como aparece na primeira parte da

¹ Doutoranda do programa de pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas (Unicamp). Contato: bpereiracaixeta@gmail.com

narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: utopia, orientalismo britânico, James II, revoluções burguesas

ABSTRACT

This article introduces the first part of *A Voyage into Tartary*. This was a work published anonymously in London in 1689, which was read by the French as an exponent of the libertine productions, and by the Americans as one of the earliest examples of science fiction and the Enlightenment. *Tartary*, however, finds a better affiliation in the historical chain of utopias, along with its English literary manifestations of the late 17th century. Like many productions of this genre, the book consists of a formulation of a bourgeois political project. In its case, particularly, it presents the political project of bourgeois ancestry, envisaged by a number of intellectuals of moderate political position at the end of the 17th century to simultaneously oppose the despotic rule of James II, finally definitive in absolutism and promote economy and the modernization of England. One of the fundamental proposals of this project is presented in the first section of the book; it consisted in proposing a universal church of universal philosophical principles capable of embracing all moderate religious designations, uniting the Protestants against James II and simultaneously giving them political power. It began with the proposition of an agreement with the Eastern Orthodox Churches, especially with the Greek Church, then for the English, simultaneous source of ancient knowledge, religious tradition and an economic ally, frugal attributes for the conquest of the plan. Here we give a presentation of this project as it appears in the first part of the narrative.

KEY-WORDS: Utopia, British orientalism, James II, bourgeois revolutions

1 CONTEXTO HISTÓRICO DA OBRA E DE SEU ENREDO

A Voyage into Tartary containing a Curious Description of that Country, with

*part of Greece and Turkey; the manners, opinions, and religion of the inhabitants therein; with some other Incidents. By M. Heliogene De L'Epy. Doctor in Philosophy*² foi composta e publicada nas décadas finais do século 17 inglês. A história do final do século 17 inglês é a história da emancipação burguesa. E a conquista da emancipação burguesa esteve intimamente vinculada à deflagração do antipapismo na Inglaterra. Quando finda a Commonwealth e tem início o período da Restauração com Carlos II assumindo o trono inglês em 1660, o rei é convidado pelo Parlamento a assumir seu posto. O poder está nesse momento quase que totalmente nas mãos dos parlamentares. Como bem expressou o historiador A. L. Morton: "Carlos I proclamara-se rei por Direito Divino. Carlos II sabia que era rei por permissão dos proprietários rurais e dos comerciantes do Parlamento e que podia ser dispensado com a mesma facilidade com que fora convocado".

Diante de um cenário de desprestígio, primeiro Carlos II e, em seguida mais radicalmente, James II, buscam fortalecer o poder real por meio de alianças com a católica França de Luís XIV. Então a potência da época, e recentemente, a nação a adotar políticas de linchamento dos protestantes, a França e a Ordem dos Jesuítas representavam o maior adversário para Inglaterra parlamentar levar a frente seu projeto imperialista, com suas fortes campanhas de colonização católica e domínio econômico. O governo dos reis britânicos favoreceu a abertura de forte propaganda antipapista, a qual a velha aristocracia rural e os comerciantes londrinos, uniram-se a fazer a fim de conseguirem barrar o projeto político da Coroa e impedir o retorno de um governo despótico e absolutista dos Stuart.

Nesta ocasião, intelectuais e livre pensadores políticos, também vislumbraram uma ocasião oportuna para defender seu projeto político de modernização inglesa, defendendo que, o maior empecilho para a modernização da Inglaterra era o catolicismo – na sua ampla presença na Inglaterra, da política (presente nos acordos dos reis com a França) à religião (liturgia católica romana). Para os intelectuais, o catolicismo era o que impedia a modernização do país; o catolicismo era o que esta-

² *A Voyage into Tartary containing a Curious Description of that Country, with part of Greece and Turkey; the manners, opinions, and religion of the inhabitants therein; with some other Incidents. By M. Heliogene De L'Epy. Doctor in Philosophy.* London. Printed by T. Hodgkin, and are to be sold by Randal Taylor near Stationers Hall, 1689.

va impedindo a nação inglesa de moderniza-se. Teve início uma intensa propaganda para a diminuição da influência e participação dos católicos e do catolicismo na política (lê-se: acabar com os acordos com países católicos) e na religião (lê-se: eliminar da liturgia anglicana o remanescente católico); e ao mesmo tempo, o surgimento de inúmeros projetos políticos difundindo a ideia de que o catolicismo deveria continuar aceito como religião pessoal, mas suprimido de qualquer atividade política. A ideia era tornar a Inglaterra menos católica possível; e também, por conseguinte, mais protestante.

Para um grupo de intelectuais moderados, homens de posição política de centro; homens a favor de reformas moderadas na ordem vigente, que a historiadora norte-americana Barbara Shapiro³ chama de "burgueses moderados", e conta ter sido um grupo formado por intelectuais, teólogos, cientistas, políticos etc., que, muitas vezes, tiveram posições puritanas e anglicanas, ou as duas ao mesmo tempo⁴, mas, desde sempre, uma visão religiosa particular, moderada, de repercussões, e que ficaria alcunhada pelo termo "latitudinarianismo"⁵; a conquista de uma nova vida associativa no presente e o êxito na luta pelo poder político estariam na elaboração de uma nova ordem de mundo a partir de uma religião enfática nos primados da razão e na unificação religiosa - portanto, que, necessariamente, fosse passar por transformações moderadas, deixando de ser professora de dogmas, para ser de princípios racionais universais.

Para esses intelectuais de centro, a conquista dessa religião, estaria na ins-

3 Barbara J. Shapiro. "Latitudinarianism and Science in Seventeenth-Century England". In: **Past & Present**, n. 40.

4 Shapiro: "the whole process of dividing Englishmen into Puritans and Anglicans, and equating Anglicanism with Laudianism, obscures the fact that there was a broad middle category of divines, scholars, and politicians who wanted mild reforms in the church and sought moderate means of accomplishing them. Some of this group were men who were Puritans in the sense of falling within the stream of thought 'associated with men like Perkins, Bownde, Preston, Sibbes, Thomas Taylor, William Gouge, Thomas Goodwin, Richard Bexter'. Others were Anglicans in the sense of maintaining their basic allegiance to the traditional forms of organization and ceremony in the Church of England. In short it is possible to speak of moderate Anglicans and moderate Puritans. [...] we shall be able to see that nearly all of the seventeenth-century English scientists and scientific movements are to be found within this moderate category". *Op. cit.* pp. 18-19.

5 "The latitudinarians, he [Simon Patrick] reported, desired to settle religion in a 'virtuous mediocrity' between the puritans and the papists on the one hand and the skepticism and materialism of the atheists on the other. He emphasized their attempt to conciliate the claims of reason and revelation and their plea for toleration and the virtuous life above any ceremonial scruples" Joseph Levine, 1992, p. 85.

tituição de uma igreja nacional universal – de ascendência predominantemente protestante, composta por protestantes e católicos moderados e por princípios e liturgias universais e de base racional, protegendo as empresas econômicas da classe burguesa protestante – a ser fundada a partir de um acordo de aliança entre anglicanos e cristãos ortodoxos do Oriente, especialmente, com a Igreja Grega. O projeto previa que da aliança religiosa, haveria, por consequência direta, a aliança econômica, e o benefício político inglês, fazendo da empreitada ação religiosa e política ao mesmo tempo.

A *Voyage into Tartary*, em sua primeira parte, apresenta o plano de união com os ortodoxos. A intenção de união é feita por meio do relato de viagens às regiões do oriente onde a Igreja Ortodoxa perseverava, de modo especial, à Grécia. O conteúdo desse relato de viagens é similar aos mais característicos exemplares do gênero, cumprindo sua intenção de fazer com que a descrição de determinados lugares e cenas dos locais visitados na expedição, fossem a apresentação simultânea do possível êxito de colonização dessa região - também, propositalmente descrita de maneira generosa, com elogios e pontos de semelhança com a cultura colonizadora.

No caso especial de *Tartary*, é feita uma pintura das regiões de interesse – os territórios que compreendiam a região da Tartária⁶ e de modo especial Atenas, na

⁶ Tartária, foi um termo geral usado durante muitos séculos, para descrever os territórios desconhecidos da Ásia Central, e "tártaros" foi o nome que se atribuiu a todos os habitantes desses locais. Da Idade Média até o século XX foi bastante comum se usar a designação "Grande Tartária" (ou, *Tartaria Magna*) referindo-se a uma grande extensão de território da Ásia Central e setentrional que se estendia do Mar Cáspio e das Montanhas Urais até o Oceano Pacífico, que era habitada pelos povos turcomanos e mongóis do Império Mongol, genericamente chamados de tártaros. O território conhecido por este nome abrange as regiões atuais da Sibéria, Turquestão (com exceção do Turquestão Oriental), Grande Mongólia, Manchúria e, por vezes, o Tibete. A Tartária frequentemente era dividida em seções, com prefixos que indicavam o nome da autoridade dominante ou da localização geográfica. Assim, a Sibéria ocidental era a "Tartária Moscovita" ou "Russa", o Turquestão oriental e a Mongólia eram a "Tartária de Catai" ou "Chinesa", o Turquestão ocidental (mais tarde conhecido como Turquestão Russo) era conhecido como "Tartária Independente", e a Manchúria como "Tartária Oriental". Um excelente estudo sobre Tartária, e de onde procedeu as informações acima, é fornecido por Mark Elliott em "The Limits of Tartary: Manchuria and Imperial and National Geographies". In: **The Journal of Asian Studies**. Vol. 59, n. 3. Ago. 2000, p. 638. Como relata Antonucci, no século 17, o nome *Tartari Orientalis* surgiu na literatura europeia graças às cartas e relatos dos jesuítas enviados de suas missões na China. Davor Antonucci. "The "Eastern Tartars" in Jesuit Sources: News from Visitor Manuel de Azevedo". In: **Central Asiatic Journal**. Vol. 58, n. 1-2, pp. 117-132. Ronald Love conta que, em 1684, os jesuítas enviaram o padre Philippe Avril para encontrar uma rota segura de terras para a China através da Sibéria, região conhecida como "Grande Tartária" pela Europa Ocidental. Essa informação de Love é bastante curiosa porque ela permite pensar que "Tartária" entre o círculo eclesiástico pode ter se tornado um termo que passou a ser sinônimo da rota a China - que os jesuítas esperavam encontrar. A informação completa de R. Love é a seguinte: "En 1684, les Jésuites ont envoyé le père Philippe Avril pour découvrir une route terrestre sûre à la Chine à travers la Sibérie (con-

Grécia - como lugares que careciam do apoio da Inglaterra para se verem livres das invasões turcas; e, por fim, de modo particular, Atenas, como berço da cultura grega e da Igreja Ortodoxa mais aberta aos acordos de união, tanto por aparentemente ter mais pontos comuns com a Igreja Inglesa, quanto por ser mais aberta a acordos políticos.

No final do século, a ideia dos ingleses de unir-se aos ortodoxos não era novidade, e, os homens moderados, senão seus membros, tomaram-na principalmente dos movimentos ecumenistas, das empresas levadas além-mar pelos seus mais fiéis membros, os irmãos Sandys, coletadas em obras como *A Relation of the State of Religion*⁷ de Edwin Sandys. A obra e as próprias iniciativas dos Sandys são uma das influências diretas do autor de *Tartary* para compor a primeira parte de sua narrativa.

Os ecumenistas sonharam com uma igreja cristã racionalizada, cujo núcleo seria a Igreja Anglicana, sua sede principal, a cidade de Londres e sua tradição e organização, semelhante a da Igreja Ortodoxa da Grécia – como também, a Grécia, a sua fonte-mãe de textos e conhecimento antigo, especialmente a filosofia de Platão, redescoberta naquele tempo por muitos intelectuais e padres da igreja, e especialmente pelos mesmos latitudinários, como especialmente útil para a elaboração de um catolicismo moderado e a causa protestante⁸. Os Sandys, motivados pelo sucesso das atividades da Companhia do Levante⁹ no Oriente, imaginaram, além disso,

nue sous le nom de "Grande Tartarie" par les européens occidentaux). Quittant la France, Avril s'est arrivé au Moyen-Orient, et puis a voyagé à travers la Perse, la mer Caspienne, et la Volga jusqu'à Moscou. Il a envisagé de traverser ensuite la Sibérie russe jusqu'à la frontière chinoise, mais le gouvernement tsariste, déterminé à interdire aux étrangers l'accès à, aussi bien que la connaissance de, son empire asiatique grandissant, lui a bloqué la route". Ronald S. Love, 2003, pp. 85-100.

⁷ **A Relation of the State of Religion** de Edwin Sandys foi uma obra de reunião das impressões e conclusões do conhecimento das Igrejas do Oriente das expedições ao Levante. Theodore Rabb relata que ela foi primeiro apresentada ao arcebispo Whitgift em 1599, e depois, publicadada resumidamente em 1605, e na íntegra em 1629, ao que tudo indica, sem total aprovação do autor. A história completa da publicação da obra pode ser conferida em Theodore K., 1963, pp. 323-336.

⁸ "during the Interregnum the platonic teaching was found especially helpful in serving the cause of protestant accomodation" Joseph Levine, 1992, p. 85.

⁹ A Companhia do Levante foi uma frota inglesa formada em 1592, cuja formação de 11 de setembro de 1581 esteve eficiente por sete anos. Foi concedida a Edward Osborne, Richard Staper, Thomas Smith e William Garret com a finalidade de regular o comércio Inglês com a Turquia e o Levante. Permaneceu em contínua existência até ser substituída em 1825. Um membro da Sociedade era conhecido como um mercante turco. Sua frota foi aprovada pela rainha Elizabeth I, como resultado da fusão entre a Companhia de Veneza (1583) e a Companhia da Turquia (1581), após a expiração de suas frotas, visto que ela estava ansiosa para manter alianças comerciais e políticas com o Império Otomano. M. Epstein, 1908, pp. 25-40.

que seria possível firmar acordos comerciais com as regiões onde imperava o catolicismo ortodoxo e eram submetidas a tutela da igreja grega.

A proposição desse plano de união com os ortodoxos a partir da fundação de uma igreja cristã universal com princípios racionais e liturgia mínima, é feita na primeira parte; consiste, afinal, no núcleo da narrativa de *Tartary*. Apresentamo-la detalhadamente, a seguir. Em sua totalidade, o projeto da igreja universal e a apresentação de sua manifestação civil na sociedade terá o sentido de cerne para a construção da nova ordem burguesa e será o meio de assegurá-la.

2 O INTERESSE DOS BRITÂNICOS PELOS CRISTÃOS ORTODOXOS

Como conta Hugh Trevor-Roper (1978), o interesse pelos cristãos ortodoxos sempre existiu entre a comunidade anglicana. Ele passou a um fato, na Igreja Anglicana dos tempos de Charles I. Além de a Igreja Anglicana descobrir na Igreja Ortodoxa do Leste pontos comuns - como a rejeição do papa e a simpatia pelo cristianismo dos primeiros patriarcas -, a instituição ortodoxa sempre foi especialmente estimada pelos anglicanos, por uma aliança com uma instituição com uma tradição de longa data servir para sua justificação perante Roma.

Informa Spurr (1991), que a Igreja Romana constantemente acusava a Igreja Anglicana de igreja sem tradição e nascida de um cisma. Por causa disso, a questão de sua tradição, era um problema contínuo com Roma. Os romanos afirmavam que a Igreja Anglicana era uma igreja sem tradição, pois não tinha uma história de fundação. Consideravam como mentirosa o relato que os anglicanos reivindicavam como a sua história. Os anglicanos contavam a história de sua tradição valendo-se de um relato frágil, apoiado, principalmente, nos relatos míticos e lendários de José de Arimatéia e do rei Lucius¹⁰, e mencionavam, apenas muito marginalmente, os apóstolos

¹⁰ Lúcio (Lúcio dos Bretões) é um rei lendário dos bretões do segundo século. Tradicionalmente é considerado o responsável pela introdução do cristianismo na Grã-Bretanha. Lúcio é mencionado pela primeira vez em uma versão do século 6 do *Liber Pontificalis*, que conta que ele enviou uma carta ao Papa Eleutério pedindo para ser feito um cristão. A sua história se espalharia depois de ser repetida, no século 8, por Beda. Ele acrescentaria à história o detalhe de que, depois de Eleutério ter concedido o pedido de Lúcio, os britânicos foram convertidos pelo rei e mantiveram a fé cristã até a Perseguição de Diocleciano, em 303. A lenda ainda se expandiria posteriormente, referindo-se à atividade missionária de Lúcio e atribuindo-lhe a fundação de certas igrejas. Não existe nenhuma evidência contemporânea com um rei

e a missão romana de St. Agostinho de Canterbury. A sua história jamais lhes poderia dar uma tradição factual e verídica aos olhos de Roma.

Em contrapartida, paralelamente, a Igreja Grega, tendo uma história bem documentada que eclipsava a de Roma pela glória de seus padres, e precedia os clamores de Roma pela primazia¹¹, com o seu cristianismo mais similar aos anglicanos, despontava como uma base firme e segura para os anglicanos constituir a sua tradição. Especialmente, pela possibilidade de consagrar-lhe uma tradição, a Igreja Anglicana sempre considerou desejável um acordo com os ortodoxos. Assim, se tem justificado o interesse especial pela Igreja Ortodoxa da Grécia: aliando-se a ela haveria a ligação à sua história e a recepção de uma tradição, quanto, a igreja ainda seria uma enorme fonte de textos e tratados dos primeiros padres e dos filósofos gregos.

3 CRISTIANOGRAPHIA DOS ORTODOXOS DO ORIENTE

A primeira parte de *Tartary* consiste em uma espécie de "cristianografia" dos ortodoxos. Realiza um mapeamento da religião e da organização da Igreja Ortodoxa, na Grécia e nos inúmeros povoados que compunham a região da Ásia Média, e atinham-se a porção naquele tempo denominada por Tartária¹². Esse procedimento de descrever *the manners, opinions, and religion* - conforme enuncia o título de *Tartary* - dos adeptos da igreja ortodoxa seria bastante popular na Inglaterra desse tempo, e, grande parte delas, seriam dos viajantes da Companhia do Levante¹³. Essas obras

deste nome, e, como o mesmo Smith relata, estudiosos modernos acreditam que sua aparição no *Liber Pontificalis* é o resultado de um erro de escriba. No entanto, durante séculos, a história deste «primeiro rei cristão» foi amplamente aceita entre os britânicos e considerada uma história verídica do cristianismo entre os primeiros britânicos. Sobre a lenda do rei Lúcio ver: Alan Smith, 1979, pp.29-36.

11 "To Anglicans, therefore, the Greek church was a natural ally. Moreover, because of its continuous tradition, it was a importante ally. The propagandists of the English church claimed for it a continuous history going back to the apostles and by-passing, as a merely marginal episode, the Roman mission of St. Augustine of Canterbury; but the earlier part of that history - the stories of Joseph of Arimathea, king Lucius, etc. - were admittedly somewhat fragile. No such weakness could be found in the Greek church whose well-documented early history eclipsed that of Rome by the glory of its fathers, and preceded the Roman claims to primacy". Hugh Trevor-Roper, 1978, p. 216.

12 Para Tartária, vide nota 5.

13 Algumas das obras de maior relevância - e, abertamente, já apresentam títulos enunciativos de sua proposta de apresentação da condição geral das igrejas ortodoxas, são, seguindo a ordem de mais famosas: **Present State of the Greek and Arminian Churches, Anno Christi 1678** (1679) de Sir Paul Rycault, quem foi secretário da embaixada em Constantinopla de 1661 a 1666 e subsequentemente cônsul de Smyrna até 1678; **Account of the Greek Church, as to Its Doctrine and Rites of Worship** (publicada em

reúnem impressões comuns dos cristãos ortodoxos, e, especialmente, enfatizam a precariedade do atual estado das igrejas do Leste e o domínio e perseguição imposta pelos turcos.

Segundo Makrides¹⁴, os ortodoxos seriam da opinião que esses relatos exagerariam na situação negativa da circunstância religiosa da Eurásia, criando um cenário de decadência geral, para os acordos com a Igreja Anglicana serem vistos como necessários. Os ingleses chegarão a desenvolver narrativas que exprimem disposições a "salvação" dos cristãos do Leste; e usarão o mesmo tema para ressaltar a capacidade de ter sido mantido incorrupta da igreja ortodoxa. O cenário de suposta terrível calamidade pode ser notada, por exemplo, através de um trecho da obra de Ephraim Pagitt. E a correspondência de *Tartary* com essa visão, percebida em trecho sucessor ao de Pagitt. Em sua *Christianographie*, Pagitt diz:

Many of these Christians live under the Turke, and Pagans, and suffer very much for Iesu Christ sake which they might quit themselves of, if they would renounce their religion, and also might enjoy many immunities, and priviledges, which they are for their religion only deprived of as before. The lamentable Calamities of these afflicted and distressed Churches, should cause all true harted Christians, in true sence and compassion of their miseries, to make their prayers, and humble petitions to Almighty God, to cast downe his pitiful eyes upon them. And farre be it from us to beleeve that all these Christians are excluded heavean, and plunged into hell for not submitting themselves onely to the Bishop of Rome. (PAGITT apud HAMILTON, p. 38).

O autor de *A Voyage into Tartary* irá não apenas se referir aos turcos, mas se demorar em duas histórias de conversão forçadas impostas por eles aos cristãos orientais, nomeadamente aos gregos, a fim de construir o cenário de repressão turca:

The Turks have the same respect for them as the *Romans* had; who suffer them to live and to be govern'd by their own Magistrates, for the *Grand Signior* is contented only with sending thither one of his Favourite Eunuchs, who receives the Duty impos'd, without farther concerning himself with their Affairs (A VOYAGE..., 1689, p. 21).

Cita o primeiro dos casos de conversão forçada, ocorrida com um jovem cha-

latim 1676, e, em inglês, em 1680), de Thomas Smith, um chapelão da embaixada inglesa de Constantinopla de 1669 a 1670; e, finalmente – a que nos inspirou o título deste capítulo - **Christianographie, or The Description of the multitude and sundry sects of Christians in the World not subject to the Pope. With their Unitie, and how they agree with us in the principal points of Difference betweene us and the Church of Rome** (1636) de Ephraim Pagitt.

14 "[...] the Orthodox Patriarchs intended to refute a false rumour circulating in the West at that time, namely that modern Greeks had in fact lost their rich ancestral heritage and were ignorant and uneducated". Makrides. 2006, p. 280.

mado Anthony:

I will impart to the Reader two Remarkable Passages, that happen'd about six years since; the one at *Constantinople*, that besel a young man between seventeenth and eighteen years of Age, whose Name was *Anthony*, Learned for his Age in the Turkish Language above any, belov'd by every one for his Excellent Qualities, even of the Turks themselves, who for that reason would fain have brought him over to the *Mahometan* Religion. To which purpose they shew'd him a little Note to read, wherein were written, in Arabian, these words, *I believe in God and in Mahomet his Apostle*. So soon as he had read it, they saluted him as one of their Brethren, saying he was a Turk, as having made a Profession of their Religion by Reading that Note. He deny'd it; upon which they carried him before a Judge who condemn'd him. From thence they hal'd him to the Grand *Visier*, who upon the Testimony of those wicked People who had so surpriz'd him, condemn'd him also to make profession of the Law, as being thereto oblig'd by his Reading. Upon his refusal they carried him to Prison, where for thirty days he endured most horrible torments; of which one among the rest was the thrusting of sharp Reeds between the Flesh and the Nails of his Fingers: After which he had his Head cut off, which the Embassador of France bought of the Executioner as precious Relique (A VOYAGE..., 1689, pp. 27-28).

Na continuação dessa passagem, L'Epy cita outro exemplo de tentativa de conversão forçada pelos turcos. Nela, o narrador deixa entrevista a adoção de uma outra tópica dos relatos dos chapelões levantinos: a menção à presença dos jacobitas¹⁵ –, deixando manifesta a mesma pouca simpatia que alguns chapelões anglicanos tiveram pelas diferentes crenças orientais que encontrariam, ao iniciar o conhecimento das inúmeras denominações cristãs ortodoxas que seriam encontradas no oriente. Na obra de George Sandys, *Relation of a Journey begun Na. Dom. 1610* (1615), por exemplo, ele menciona sua decepção em encontrar os Coptas "infected with that heresie of one nature in Christ", os Abissínios "descended of the cursed generation of Christ", e os Jacobitas "infected these countries with that heresie of one nature in Christ"¹⁶. Edward Brerewood, outro autor do período, também emissário ao Levante, em sua obra *Enquiries touching the Diversity of Languages and Religions through the chiefe parts of the world* - que seria publicada, postumamente, pelo amigo do autor, John Bill, em 1614¹⁷ - também iria fazer referências aos Jacobitas. Diria

15 A terminologia "jacobita" que será também usada nesse século para designar os seguidores dos reis James (I e II), aqui refere-se aos membros da Igreja Síria Jacobita Cristã, uma igreja ortodoxa autônoma de cristãos indianos centrada em Kerala, Índia. Como informa Leslie Brown, a Igreja Síria Jacobita foi uma igreja que nasceu da dissidência com a Igreja Sírio-Malancara Ortodoxa. Os "jacobitas" não aceitaram a Cláusula Filioque. A fé da Igreja postula que Cristo é uma pessoa só, apenas com duas naturezas distintas, uma humana e outra divina. As Igrejas Ocidentais consideraram os "jacobitas" adeptos do Monofisismo. Cf. Leslie Brown, 1956.

16 Sandys apud Hamilton, *op.cit.*, p. 34.

17 Cf. Alastair Hamilton. *Op. cit.* p. 36.

ele, "this heresie of the Monothelities, springing out of that bitter roote of the Iacobites, touching one onely nature in Christ"¹⁸.

Em *Tartary* aparece:

The other, named *Diamanti*, aged about thirty years, and of a charming Beauty, was rowing naked in a boat upon a River of Asia, with certain Turks, who mov'd with compassion that so lovely a Man should perish for want of embracing their Religion, put a White Turbant upon his Head. Which done, he was used with the same severity as Anthony was, after he had refused the chieftest Preferments in the Empire. But a *Jacobian* Monk, who was there at the same time, renouncing his Christianity, was the occasion of their recovering by his Apostacy, what they had lost by the generous Constancy of *Diamanti*. I could give a more ample Description of the Religion of the *Greeks*, but having done it in another place, I shall not study to enlarge this Volume. (A VOYAGE..., 1689, pp. 29-30).

Nos relatos dos chapelões enviados a Aleppo ou Smyrna junto a Companhia do Levante, há referências à necessidade de se "educar" os cristãos ortodoxos na doutrina da igreja inglesa. Ainda que Hamilton e Trevor-Roper serão unânimes em afirmar que os anglicanos não teriam os mesmos modos proselitistas e invasivos da catequese jesuíta¹⁹ em suas atividades missionárias, muitos, em seus relatos, mencionariam a necessidade de "educar" os orientais no "correto" Evangelho anglicano. Nesse ponto da sugestão da "educação" dos cristãos do oriente, *A Voyage into Tartary* será herdeira fiel dos relatos dos viajantes levantinos: na obra também existirá menção a ser necessário que os gregos recebam educação.

O próprio personagem principal de *Tartary*, o narrador-protagonista Helio-genes De L'Epy, é pintado como um daqueles missionários ingleses que faziam as excursões mais demoradas pelas terras da Eurásia, permanecendo por muito tempo na região, diariamente se encontrando com as inúmeras comunidades cristãs ortodoxas, tentando propagar a fé anglicana: L'Epy é um personagem que tem por "*Vade Mecum*" (para se valer do próprio vocabulário do narrador) o *Codex Alexandrinus*²⁰,

18 Todas as citações acima foram tiradas do artigo de A. Hamilton. Vê-las nas páginas 36 e 37 do artigo do autor.

19 Trevor-Roper e Hamilton irão dizer que as aproximações dos jesuítas e dos anglicanos não devem ser equiparadas, Hamilton irá dizer que a atividade dos jesuítas proselitista: "The Protestant approach differed fundamentally from that of the Catholics [...] Missionaires, above all Capuchines and Jesuits, were dispatched to the oriental communities and their proselytism was often remarkably effective". Hamilton, p. 31.

20 "[...] Upon which I pull'd out a Greek Testament out of my Pocket, that had been my *Vade Mecum* in all my Travels" (*A Voyage into Tartary*, 1689, p. 154).

por onde passa conversa sobre a doutrina de Cristo e, finalmente, é um francês educado na catoliquíssima Sorbonne – que, na época, era o equivalente do que Oxford e Cambridge eram para o anglicanismo na Inglaterra, isto é, centros de formação na religião oficial nacional.

No entanto, o resultado que o narrador revela querer obter da empreitada é diverso do programa da missionação dos chapelões do Levante. Em outras palavras, é ela contrária a atividade missionária nos moldes praticados pela igreja católica romana – naquele tempo representada pelos jesuítas -, e disposta a ser continuada pelos anglicanos. O narrador de *Tartary* trata a questão da "catequese", afirmando que, se "moldados na educação", os gregos terão a aptidão de resgatarem seu esplendor passado. Nota-se dessa fala que o interesse maior é pelo manancial de sabedoria do conhecimento grego antigo. Assim, é possível pensar ter sido intencional a escolha de uma ascendência francesa para o protagonista. Ela provoca uma grande ironia. Através do protagonista francês, ele alfineta a atividade missionária praticada pelo catolicismo tradicional da Igreja Romana, pelos jesuítas. Ao contrário do que faziam os católicos tradicionais, os cristãos anglicanos apostavam em um projeto diferente: de acordo e usufruto dos legados da filosofia grega e da tradição da igreja ortodoxa. Seu projeto era de união (religiosa e política), logo, totalmente na contramão dos interesses do catolicismo tradicional.

No final do século, os jesuítas e suas atividades missionárias despontaram como o grande modelo não só de conversão de gentios, mas de construção de império das metrópole²¹. No entanto, para os homens moderados, e de modo muito particular, para o autor de *Tartary*, esse modelo não seria o melhor caminho a seguir para a consecução do plano político burguês. Como vimos, a proposta de união com os ortodoxos seria a via adequada. Mesmo assim, é preciso não deixar de reconhecer que a aparente mais benfeiza proposta do autor da utopia não deixará também de dividir com os missionários, a intenção comum de usar a propaganda para educação de modo a legitimar a suposta necessidade de uma missão anglicana, e tornar o acordo entre as igrejas bastante benéfico, e, além, indispensável.

L'Epy faz uma muito interessada apresentação do presente estado da Grécia:

21 José Carlos Sebe, 1982, p. 10.

descreve o perfil de seus habitantes e comenta os saques ao patrimônio cultural grego e a decadência do cenário advindo dessas operações, realizando todas essas apresentações de um modo que impressiona como se estivesse mapeando o território para futura conquista e presente exploração, mas, deixando evidente uma disposição simpática aos gregos, à igreja e seus costumes, em nome de uma união futura. A passagem completa das observações de L'Epy é a seguinte:

There theyshew'd me the place of Temple or Altar Erecy'd to the unknown God. Several Statues are digg'd up out of the Earth every day, of which not one that I have seen comes near to those of Italy. Thereupon being amaz'd to see so few signs of its ancient Splendor; they made me answer, that I might see them in other Places, whither the War had transplanted them, or else Barter in Traffick. [...] Every Body knows that the Statue of Venus which formerly stood upon Mount Pincius at Rome, and is now to be seen in the Galleries of *Florence*, leave being given to the Grand Duke by the presente Pope to remove it thither [...] a favour which the Dukes Predecessors could ne'er obtain, though from Popes of the same Family. So cautions they were of parting with any of the Ornaments of their City; whereas the presente Pope suffers them to be daily taken away, notwithstanding all the grumbling of the Romans. So that all that remains at this day of the *Athenian* Antiquity is their Olive Trees and their Wit. [...] But as for the Inhabitants they are no less naturally Witty and Ingenious than ever; so that if they were but well manur'd by Education, they would prove as Good Poets, Orators, Philosophers, Statuaries or other Artists whatever, as ever were known at the time when it flourish'd in its highest Splendour. (A VOYAGE..., 1689, pp. 12- 22).

A descrição da Igreja Ortodoxa Grega que o narrador fará, de suas práticas e costumes, desde os modos do vestuário até a forma de praticar os rituais litúrgicos, apresentam uma disposição em assemelhar a Igreja Grega com a Igreja Inglesa, de forma a não apenas, imediatamente aproximá-las, mas comparando-as em suas possíveis similaridades, deixar sugerida a possibilidade de uma aliança bem-sucedida. L'Epy tanto mostra as semelhanças existentes entre a Igreja Ortodoxa Grega e a Igreja Inglesa, quanto, por fim, fará um grande elogio ao cristianismo ortodoxo e a forma de organização da Igreja Ortodoxa, defendendo ambos como o exemplo do cristianismo mais legítimo. Primeiro, ele deixa manifesta sua admiração pelos gregos, pela sua capacidade de se “protegerem” da conversão maometana, frente a tamanha crueldade por parte dos turcos:

That which surpriz'd me was this, that they should preserve themselves under the Tyranny of the *Mahometans*, who neither by their oppressive Impositions, nor fair Promises, could ever oblige the Eastern Christians to change the *Gospel* for the *Alcoran*. (A VOYAGE..., 1689, p. 21)

A aproximação das igrejas, a descrição das práticas religiosas da Igreja Or-

todoxa (em sutil, porém notável, crítica com o cristianismo romano), e, por fim, a afirmação da maior legitimidade do catolicismo ortodoxo, vem expressa nesta fala de L'Epy:

The Citizens of Quality wear a long black robe with short Sleeves; but their Piests are habited much like the Ministers of the *English* Church, only Sleeve is not gathered into Pleats. [...] All the Bishops believe themselves to be equal as to the Function, but not as to the Sea, the Dignity of which exalts the one above the other, by virtue of na Institution purely Humane, and not Divine. They never Stay till they are sick to receive the Sacrament of Extreme Unction; but they receive it all every year in the holy Week, [...] They pray for the dead, whose Souls they believe remain in this World in expectation of the General day of Juldgment; not admitting any particular Judgment. They frequently perfume with Frankincense in their Ceremonies, which are very decent, and fill the Soul with a sensible Devotion. I ask'd them the reason why they made such frequente use of their Perfumes; to which they answer'd, That it was to admonish the People to send up their Prayers with the Perfume, which ascends towards Heaven. As to what remains the Eastern Church glories in its Priority, which they assume to themselves, and which is no more than Truth; neither do the *Latins* dispute the Point of Eldership. (A VOYAGE..., 1689, pp. 25-27).

Nesse ponto, será possível perceber também o gesto de deixar expressa uma crítica ao catolicismo praticado por Roma (e seus seguidores alcunhará "Latins"), quanto o catolicismo de tipo romano – ao modo que concebem algumas de suas doutrinas e as pratica - as quais a Igreja Anglicana também observa. O narrador se concentrará em destacar especialmente os pontos do Julgamento Final, do Batismo/Extrema Unção e a configuração política da Igrejas - as hierarquias religiosas. O exemplo de Heliópolis é a maior prova da religião aglutinada almejada pelos homens de centro, isto é, que apropriou-se de muitas práticas da Igreja Ortodoxa, sobretudo no que concerne aos rituais – como o uso dos incensos, por exemplo.

Estendendo a crítica aos católicos, parece haver ainda, por parte do narrador, um gesto de elevação da Igreja Ortodoxa, ou também, a sugestão de haver maior ponderação e razoabilidade na conduta da Igreja Ortodoxa Grega, mesmo a assunção de sua moderação. Em outra passagem, o narrador admitirá como uma postura de "sabedoria" alguns dos patriarcas não admitirem a crença na Transubstanciação e concordará com a opinião dos ortodoxos georgianos de não parecer razoável pensar que o Criador pudesse ter tido uma mãe, deste modo, ficando de acordo com a ausência de fé na Virgem Maria e nos santos.

Se pode concluir dos vínculos e semelhanças dos relatos de viagens de L'Epy e aqueles que os missionários, ainda, das atividades e ações praticadas pelo narrador, e aquelas praticadas pelos clérigos anglicanos em suas missões no Levante, que compartilhariam o ideal de acordo com a Igreja Ortodoxa, sobretudo a Igreja Grega, apresentariam disposições a "catequizar" os ortodoxos, no entanto, os relatos de L'Epy desvincular-se-iam, tanto em disposições quanto em objetivos, daqueles dos missionários, revelando-se inteiramente dispostos a acordos de aglutinação de doutrinas e ao renascimento de uma época em que na Grécia a filosofia (e os filósofos) eram soberanos e recebiam a mais alta estima. Se *Tartary* seria em estilo, especialmente, semelhante aos relatos dos missionários, em ideologia, parecerá completamente semelhante ao ecumenismo.

Para além do tratamento da religião como prioridade, do estudo de *A Voyage into Tartary* faz-se possível concluir que a proposta de uma igreja universal foi (ou teria sido) o grande projeto político dos homens burgueses de centro. Os intelectuais latitudinários perceberam que o plano da igreja universal seria simultaneamente meio de construir do zero, e de modo totalizante (do espaço físico à maneira de pensar), um novo mundo, uma nova ordem de conceber e entender as coisas de modo que condissesse com os anseios e as expectativas burguesas, quanto um modo de unir os protestantes e católicos moderados para defender os interesses (econômicos, políticos, etc) mais pungentes da burguesia frente ao rei e a ala alta da Igreja Anglicana.

Em um dos momentos mais chaves da luta entre parlamentares e Coroa pelo posto de poder; em outras palavras mais importantes: no momento em que ficaria decidido a rota que Inglaterra assumiria, e a configuração que sua nação iria tomar, se a dos projetos burgueses ou absolutistas, *A Voyage into Tartary* é comercializada. O fato é forte indício não só do muito provável envolvimento (intelectual - talvez até, pessoal - não é descartável ainda que não comprovável) de seu autor com as questões políticas contemporâneas, mas sua consciência aguda da relevância de uma propaganda de seu programa político naquela hora de definição da situação política inglesa. Não haveria outra ocasião para poder existir a chance de ser ouvida – quem sabe, acolhida.

Na data exata da publicação da obra, 1689, James II foge da Inglaterra e aporta na Irlanda em busca de formar um exército católico para combater o Parlamento. Na Irlanda é acolhido e protegido pelos aliados – a nobreza local. O autor anônimo de *Tartary*, endereça-se a uma figura irlandesa da nobreza, então de maior proeminência na política, e dedica-lhe a obra – o conde de Clanricarde. O gesto é uma tentativa de ação direta contra o êxito de James II; é uma sugestão para que seja recebido e vença não o plano absolutista do rei, mas o programa de modernização do intelectual.

4 POR UMA DEFINIÇÃO DE UTOPIA E TARTARY COMO OBRA UTÓPICA

A Voyage into Tartary foi uma obra que ficou desconhecida por anos e não teve notoriedade em seu tempo. Foi somente (re)descoberta no século 20, pioneiramente por Jean-Michel Recault²² e, em seguida, mais detidamente, por Everett Bleiler²³. Por Jean-Michel Recault o livro foi lido como uma obra de autoria inglesa, veiculada, e supostamente influenciada pelo círculo das produções libertinas francesas; e, por Everett Bleiler, como inaugural de aspectos do gênero da ficção científica e também do Iluminismo. Recault e Bleiler foram unânimes em reconhecer *A Voyage into Tartary* como uma narrativa de conteúdo ateu e precursor do racionalismo que caracterizará o século 18; ambos os autores classificaram a obra como uma expoente prematura desse século.

Através desses estudiosos, a ficção ficou associada às produções libertinas francesas, às do racionalismo inglês e iluminismo francês, e, finalmente, às de ficção científica - junto àquelas consideradas as primeiras obras que fundariam o gênero. Quando referenciada nos dias de hoje, é ainda assim comentada. No entanto, uma leitura de *Tartary* sem o prelúdio das lentes dos dois renomados críticos, pela primeira vez tomando-a em seu próprio contexto histórico – isto é, de obra publicada em língua inglesa, em Londres e na Inglaterra do século 17 -, como a que buscamos realizar, lhe confere um estatuto diferente ao de obra ligada à França, ao século 18 e

22 **L'Utopie narrative en France et en Angleterre, 1675-1761**. Oxford: Voltaire Foundation, 1991.

23 "L'Epy's *A Voyage into Tartary*: an Enlightenment Ideal Society". In: **Extrapolation**, vol. 29. n. 2. The Kent State University Press, 1988.

ao Iluminismo. Considerada como uma produção de seu próprio tempo (o século 17), do próprio país em que foi publicada (Inglaterra) e relacionada aos eventos históricos particulares das últimas décadas desse século, *Tartary* surge como uma ficção filha e herdeira de um dos momentos mais decisivos para a história e a sociedade inglesas: o do estabelecimento da classe burguesa, e uma produção filiada ao gênero da utopia literária.

De acordo com a historiadora de doutrinas política, Silvia Ghibaudi²⁴, dentro das três²⁵ qualificações possíveis que poderiam receber os estudiosos de utopia, uma delas consistiria naqueles que a colocam na realidade histórica. Para esses, a utopia se define por ser uma corrente histórica de renovação da sociedade, cujo objeto de investigação é essencialmente uma nova organização da vida associativa, erigida sobre esses mesmos valores considerados essenciais. Em acréscimo a essa definição, para Carlos Berriel, fundada a partir da obra *Utopia* (1516) de Thomas More, em sua apresentação literária, a utopia basicamente faz a representação de uma comunidade ideal, descoberta acidentalmente, num lugar afastado da vigente sociedade, sendo uma projeção ideal da atual sociedade, vista como em escombros²⁶; uma representação possível de um novo estado.

Publicada no final de um longo e conflituoso século de lutas entre Coroa e burguesia inglesas, no início de sua última década (1690), *Tartary* estaria entre as obras que formularam primeiramente aquele que, para a maioria dos intelectuais burgueses ingleses, viria a ser o modelo de estado ideal para a Inglaterra do período da pós-Restauração, do tempo do término da dinastia Stuart, no reinado de James II, e de início do reinado de Willian III (conhecido também por Willian de Orange)

24 Silvia Ghibaudi (1929-2009) foi professora emérita de História das Doutrinas Políticas junto à Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Torino. Foi aluna de Luigi Firpo e estudiosa das doutrinas políticas, publicou importantes estudos sobre Rousseau e Proudhon. O texto em que traz essas ideias foi publicado originalmente nas páginas 161 a 172, do volume 1 da coleção "Forme dell'Utopia", intitulado **Per una definizione dell'utopia – metodologie e discipline a confronto** (Ravenna: A. Longo editore, 1992); que acaba de receber tradução para o português pelos professores doutores Carlos Berriel (UNICAMP) e Helvivo Moraes (UNEMAT) na **Revista MORUS**, onde pode ser consultado pela referência: Silvia Rota Ghibaudi, 2016, pp. 247-260.

25 "Os estudiosos da utopia podem ser distintos basicamente em três grupos essenciais: os que a reduzem ao romance utópico ou a preferem como tal, os que a colocam na realidade histórica, como uma corrente histórica de renovação da sociedade fundada sobre valores e necessidades considerados essenciais tais como liberdade, igualdade, justiça e irmandade, e, por fim, os que se atentam aos conteúdos dos problemas enfrentados, e não à forma de sua enunciação." *Op. cit.* p. 250.

26 Carlos E. O. Berriel, 2004, s/p.

e Mary - reis protestantes, simpáticos aos interesses da burguesia, comparsas de sua iminente ascensão mais sólida e da liberdade das últimas amarras de reinados absolutistas. Esse modelo de estado ideal dos intelectuais burgueses da época consistia em uma monarquia parlamentar, mas, que, no entanto, colocava no papel outra ordem de mundo que a não comportaria: estado e educação laicos, valores econômicos burgueses, sociedade de indivíduos livres e mantidos por tímidas ações comerciais, enfim, o complexo de um mundo burguês, que não dava espaço nem para monarquia nem para Parlamento nos moldes tradicionais.

Como conta o historiador britânico A. L. Morton²⁷, "ninguém, em 1640, previa ou podia prever a monarquia parlamentar que emergiu dos compromissos de 1660 e 1688", e, no início, "a burguesia guiava-se principalmente pelo instinto. A clareza teórica só [viria], se que veio, no processo da luta". Composta e publicada no fim da luta, *Tartary* junto a essas inúmeras outras produções do século, se caracteriza por ser um exemplar de testemunho dessa conquista de clareza, e consorte daquelas primeiras obras a arriscar as primeiras formulações sistemáticas do projeto político burguês - o que, então, será conquistado por aquela classe burguesa de 1640, na Revolução Gloriosa (1688) e com a assinatura da *The Bill of Rights*. Como uma classe que surge da religião, a consecução do projeto político burguês pela classe, parte da sugestão de alteração da visão de mundo e dos valores impostos pela religião.

5 REFERÊNCIAS

A VOYAGE into Tartary containing a Curious Description of that Country, with part of Greece and Turkey; the manners, opinions, and religion of the inhabitants therein; with some other Incidents. By M. Heliogene De L'Epy. Doctor in Philosophy. London. Printed by T. Hodgkin, and are to be sold by Randal Taylor near Stationers Hall, 1689.

ANTONUCCI, Davor. "The "Eastern Tartars" in Jesuit Sources: News from Visitor Manuel de Azevedo". In: **Central Asiatic Journal**. Vol. 58, n. 1-2.

BERRIEL, Carlos E. O. "Editorial". In: **MORUS: Utopia e Renascimento**. n. 1, 2004.

BLEILER, Everett. "L'Epy's *A Voyage into Tartary*: an Enlightenment Ideal Society".

27 A. L. Morton, 1970, p. 194.

In: **Extrapolation**, vol. 29. n. 2. The Kent State University Press, 1988.

BROWN, Leslie. "Introduction". In: **The Indian Christians of St. Thomas. An Account of the Ancient Syrian Church of Malabar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1956.

DUBOIS, Claude-Gilbert. **Problemas da Utopia**. Trad. Ana Cláudia Romano Ribeiro. Campinas: UNICAMP- IEL –Setor de Publicações, 2009. (Coleção Work in Progress).

ELLIOTT, Mark. "The Limits of Tartary: Manchuria and Imperial and National Geographies". In: **The Journal of Asian Studies**. Vol. 59, n. 3. Ago. 2000.

EPSTEIN, M. **The Early History of the Levant Company**. London: George Routledge & Sons Limited, 1908.

GHIBAUDI, Silvia Rota. "Métodos de análise da utopia: observações críticas". In: **MORUS -Utopia e Renascimento**, v.11, n.1, 2016.

HAMILTON, Alastair. The English interest in the Arabic-speaking Christians. In: RUSSEL, G. A. (ed.). **The 'Arabick' interest of the Natural Philophers in the Seventeenth-century England**. Leiden: Brill, 1994.

LEVINE, Joseph. "Latitudinarianism, Neoplatonists, and the Ancient Wisdom". In: KROLL, et. al. **Philosophy, Science and Religion in England 1640-1700**. Cambridge University Press, 1992.

LOVE, Ronald S. "A Passage to China": A French Jesuit's Perceptions of Siberia in the 1680s". In: **French Colonial History**. Vol. 3 (Idea and Action in French Colonization), 2003.

MAKRIDES, Vasilios N. "Greek Orthodox Compensatory Strategies towards Anglicans and the West at the Beginning of the Eighteenth Century". In: Peter M. Doll (ed.). **Anglicanism and Orthodoxy: 300 years after the 'Greek College' Oxford**. Oxford: Peter Lang, 2006.

MORTON, A.L. **A História do Povo Inglês**. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

RABB, Theodore K. "The Edition of Sir Edwin Sandys's *Relation of the State of Religion*". In: **Huntington Library Quaterly**. vol. 26, n. 4, ago. 1963.

RECAULT, Jean-Michel. **L'Utopie narrative en France et en Angleterre, 1675-1761**. Oxford: Voltaire Foundation, 1991.

SEBE, José Carlos. **Os jesuítas**. São Paulo, Ed. Brasiliense S.A., 1982 (Coleção Tudo

é História, v. 57).

SHAPIRO, Barbara. "Latitudinarianism and Science in Seventeenth-Century England". In: **Past & Present**, n. 40.

SMITH, Alan. "Lucius of Britain: Alleged king and Church Founder". In: **Folklore**. Vol. 90. n. 1. 1979.

SPURR, John. **The Restoration Church of England, 1646-1689**. Yale University Press, 1991.

TREVOR-ROPER, Hugh. "The Church of England and the Greek Church in the Time of Charles I". In: Derek Baker. **Religious Motivations and Social Problems for the Church Historians. Studies in Church History**. Vol. 15. Oxford: OUP, 1978.



REVICE - Revista de Ciências do Estado
ISSN: 2525-8036
v2.n.1 JAN-JUL.2017
Periodicidade: Semestral

seer.ufmg.br/index.php/revice
revistadece@gmail.com

CAIXETA, Bruna Pereira. A Voyage into Tartary: o projeto político da igreja universal e a união entre ortodoxos e anglicanos.
Data de Submissão: 02/02/2017 | Data de aprovação: 27/03/2017

A REVICE é uma revista eletrônica da graduação em Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais.

Como citar este artigo:
CAIXETA, Bruna Pereira. A Voyage into Tartary: o projeto político da igreja universal e a união entre ortodoxos e anglicanos. In: **Revive** - Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 151-170, jan./jul. 2017.